

ate 2/3

O S T R Ê S M É D I C O S

Comédia em 1 ato

AUTOR: L.C. Martins Penna

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PERSONAGENS: MARCOS - um velho com 70 anos
ROSINHA - filha de Marcos, com 15 anos
HENRIQUETA - filha de Marcos; viúva, 30 anos
LINO DAS MERCÊS - um velho com 70 anos, mais ou menos.
DR. MILÉSSIMO - médico homeopata
DRA. QUITÉRIA - médica alopata
DR. AQUOSO - médico hidropata
Um criado - Um ajudante de médico

CENÁRIO: Sala em casa de Marcos. Porta ao fundo e à direita. A cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1845.

TEXTO EXTRAÍDO DO LIVRO: "Comédias de Martins Penna". Edição crítica de Darcy Damasceno. Edições de Ouro. - Clássicos Brasileiros.

ADAPTAÇÃO DE: Vaniã da S. Brown - Rio Grande/RS - 1980

.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

Marcos sentado junto à mesa e a seu lado Rosinha e Henriqueta.
Marcos mostra-se abatido.

MARCOS - Minhas filhas, pouco tempo poderei viver. As forças abandonam-me e tenho o pressentimento que minha morte bem próxima está.

ROSINHA - Meu pai, não desanime! Espero que sua moléstia seja passageira.

MARCOS - Passageira! Quando a vida assim se desorganiza é inevitável o seu fim.

HENRIQUETA - Esse temor é que pode tornar a moléstia grave, quando



talvez seja ligeira e, em grande parte, devida aos anos.

MAR - Devida aos anos ela é, mas não como pensas. Os anos a têm exacerbado. Deus o sabe como!

ROS - Mas os médicos podem...

MAR - Que pode a medicina em moléstia como a minha, menina? Aos médicos não torno a culpa, que fazem o que aprenderam e o que podem.

HEN - Mas se meu pai consultasse a outro médico...

MAR - A outro? Que mais queres que eu faça? São poucos os que aqui têm vindo? Além disso, meu médico particular é pessoa de reputação bem adquirida.

HEN - Não contesto. Mulher interessante a Dra. Quitéria e corajosa, mas se meu pai não tem colhido vantagem com seu desvelado tratamento, por que não chama, por exemplo, um médico homeopata?

ROS - Também penso assim.

MAR - Eu não creio na homeopatia.

HEN - Se não a conhece! Meu pai, peço-lhe um favor: um de meus verdadeiros amigos é o Dr. Miléssimo. Meu falecido marido e eu o conhecemos em Paris, aonde estudou, com muita aplicação, a homeopatia. Permita que ele venha fazer-lhe um visita.

MAR - Não, não, não! Nada espero de...

HEN - O quê lhe custa? Deixe-o vir, talvez tire-se proveito.

ROS - Estou certa que ele será capaz de o pôr bom.

MAR - Pois bem, que venha. Assim, talvez, vocês parem de cochichar pelos cantos da casa.

ROS - Que bom, meu pai! Já creio vê-lo restabelecido e passean-



do alegre por esta sala.

MAR - Alegre! (levanta-se) - Escuta Rosinha, falemos de tí que és moça e que ainda podes viver longos anos - que isto ' por cá está velho e muito desarranjado - Quando eu morrer...

ROS - Meu pai!

HEN - Senhor!

MAR - Quando eu morrer, ficarás desamparada e...

HEN - Ah, enquanto eu viver, minha irmã não...

MAR - Não sejas tola, Henriqueta! Tens teus compromissos, tuas viagens: hoje estás aqui, amanhã ali... Mulheres! De um' marido precisa tua irmã - e este já escolhi .

HEN - Quem é?

MAR - É o meu amigo Sr. Lino das Mercês.

ROS - Meu Deus!

HEN - Ele?

MAR - É um homem probo e honrado, tem calma de um anjo. Far-te-á feliz, minha filha. Isso posso eu dizer porque o conheço ' há muito tempo. Tenho-lhe estudado o caráter, andamos juntos na escola e, desde esse tempo, dura nossa amizade.

ROS (à parte) - Andaram juntos na escola!

HEN - Marido tão gagã! Coitada de Rosinha!

MAR - És uma estouvada, minha filha. Só as mulheres julgas capaz de tudo. Tu, minha Rosinha, tens mais juízo. Ela é maluca. Meu amigo Lino far-te-á feliz.

ROS - Mas meu pai, não desejo casar-me e se...

MAR - Crê, filha, que à borda da sepultura ponho todo desvelo em

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025



fazer-te ditosa, pois tua irmã já está bem situada na vida. Casar-te-ás com ele e em breve, que assim te pede teu pai.

ROS (ã parte) - E agora, meu Deus?

HEN (ã parte) - Veremos como isto será... (entra Lino).

LIN (entrando) - Bom dia, amigo Marcos.

MAR - Oh, a propósito vens.

LIN (cumprimenta as duas irmãs, para Marcos) - Como se acha, melhor? Vejo-o mais forte!

MAR - Aparências amigo, isto caminha mal. Rosinha, Henriqueta, deixem-me com meu amigo Lino.

HEN (ã parte para Marcos) - Meu pai, pense bem no que vai fazer.

MAR - Já está resolvido. (saem Rosinha e Henriqueta).

LIN - O que queres de mim?

MAR - Já lá se vão cinquenta anos que nos conhecemos! Amigos velhos, não? Não te bastava este título, queres estreitá-lo' mais.

LIN - Ah, mas tua filha é um anjinho! E consente ela?

MAR - Consentirá porque ama-me e respeita.

LIN - Que contentamento! Que linda esposinha!

MAR - Mas é preciso apressarmos este negócio.

LIN - Quanto antes! Ah, que dia será para mim!

MAR - Quero deixar-lhe um amparo neste mundo que cedo deixarei e que...

LIN - Ora, deixa-te disto! Ainda viverás, e muito, para veres os teus netinhos correrem por esta sala.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 838
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MAR - Conheço o meu estado.

LIN - Histórias! Histórias!

MAR - Lino, sabes tu o quê é para um homem um temor contínuo, que por toda parte o persegue, que traz sempre assustado e receoso e que o ameaça a desonra?

LIN - Não me diga que é a Dra. ...

MAR - Não, não é ela. É coisa pior, coisas do passado Foste testemunha de minha louca e desperdiçada mocidade. Rico e sem parentes que me guiassem, vi-me cercado de amigos. Amigos!

LIN - Tratantes...

MAR - Que pagavam-me com perniciosos exemplos a fortuna que ajudavam a desperdiçar.

LIN - Quimistas!

MAR - Tu eras a única exceção.

LIN - E porisso brigavas sempre comigo....

MAR - Mocidade, Lino, mocidade!... Amei! Uma moça acendeu em meu peito violenta paixão. Não conhecia obstáculos a meus desejos e dirigí-me à casa do pai para pedir a mão daquela que me fazia louco. Foi-me negada! A minha má reputação era conhecida, assim devia ser. Voltei para casa desatinado e, para desabafar-me, escreví uma carta a Maurício, àquele que se dizia meu melhor amigo.

LIN - Ah, que grande patife!

MAR - Então não o conhecia eu! Foram estas palavras da carta: "Meu amigo, ele negou-se a mão de Serafina. Tenho certeza que eu nunca a gozarei. Daria metade de minha fortuna para que este homem não existisse." Carta fatal! Que pensamento criminoso!

LIN - Com efeito, não é dos mais cristãos!



MAR - Oito dias depois, o pai de Serafina quando entrava na porta de sua chácara, foi assassinado.

LIN - Bem me recordo! Mas ainda não se soube por quem.

MAR - Não adivinhas agora?

LIN - Maurício?

MAR - Sim, este monstro!

LIN - Ah, eu bem te dizia que esse tratante tinha nascido para a forca!

MAR - Interpretou as palavras que escreví e realizou o pensamento que apenas vislumbrava na minha delirante imaginação. Amigo cruel!

LIN - Boa laia de amigos!

MAR - E eu tive a fraqueza de aproveitar-me deste crime tão atroz! Um ano depois, eu estava casado com Serafina.

LIN - Lá disso não te culpo eu porque, enfim, não foste tu que mataste o velho.

MAR - Pouco tempo depois de casado morreu minha mulher, deixando-me duas filhas.

LIN - Coitadinha, tão boa senhora que era!

MAR - E que vida tem sido a minha desde então! Senhor da carta que eu lhe escreví, Maurício não cessa de ameaçar-me com a sua publicação. Mais da metade de minha fortuna tendo lhe dado para que me entregue a carta, mas o pérfido zomba de mim e exige sempre mais. O que será de mim se ele a publicar?

LIN - Não tenhas medo! Em primeiro lugar, porque ele não querará também denunciar-te; em segundo, por ainda teres fortuna para lhe pagares a discricção. É, o tratante achou em ti uma mina de carvão!

MAR - E quando eu tiver dado o último real, serei arrastado à escada da forca e minhas filhas ficarão no mundo famas-



das! Eis o que me mata! Ainda dirás que me posso curar?
O mal está aqui. (aponta o coração)

LIN - Isto é apreensão demais, meu caro! O homem não é capaz de denunciar-te.

MAR - Tu não o conheces! Amigo, apressemos este casamento porque eu devo morrer quanto antes para salvar Rosinha.

LIN - Isto é mais nervos que outra coisa, Marcos! Ah, eu já pedi ao meu médico que viesse hoje ver-te. É hidropata, talvez te cure.

MAR - Que me importam médicos homeopatas, hidropatas e outras patas! Desculpa-me Lino. Passa o dia conosco, pois tenho ainda que falar-te. Rosinha! Vou descansar um pouco, amigo, sinto-me muito fraco.

LIN - Não queres o braço?

MAR - Não, obrigado, aí vem a menina. (entra Rosinha) - Ajuda-me. (sai apoiado no ombro de Rosinha. Lino fica só).

LIN - Não deixa de ter razão, mas o caso não é para tanto abatimento. Talvez que o meu doutor o ponha bom. Eu tenho cá para mim que o seu médico particular, a Dra. Quitéria, é uma charlatã. Médicas! Se isto é profissão para mulheres! E não sei porque Marcos insiste em tê-la ao seu lado. Estes velhos !... Ai, estou que não caibo da pele! De hoje a oito dias estarei casadinho! (entra Quitéria)

QUI - Licença ...

LIN - Ah, Dra. Quitéria! Como passa?

QUI - Como passa o nosso doente?

LIN - Chiii, anda muito apreensivo!

QUI - Mau é isto, com o moral não podemos nós. Com licença. (sentase) - Estou cansadíssima! Má vida, Sr. Lino, má vida é a do médico!

LIN - A doutora zomba, dizem que é das melhores!

QUI - Experimentem-na.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226-0242 - CEP 90020-025



LIN - Bons clientes, nenhum capital e avultados lucros ...

QUI - Sempre esta questão de dinheiro. Questão eterna!

LIN - E vital!

QUI - Não contam os dissabores e os desgostos por que passamos. E os calotes? E os preconceitos? Não temos hora, dia nem descanso. Salva-se o doente, agradece-se à natureza; morre o doente, culpa-se o médico, principalmente se ela é mulher. Que recompensa a noites de estudo e de insônia! Que vida! E invejam-na!

LIN - Este é o único lado mau. E o bom?

QUI - (levantando-se) - O único? E essa sũcia de magnetizadores, hidropatas e homeopatas com que lutamos todos os dias? (pega um Jornal do Comércio da bolsa ou de sobre a mesa) - Aqui estão nestas colunas as mais nojentas diatribes, os mais asquerosos insultos que esses charlatões cospem contra nossa face.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

LIN - Ainda não li os jornais.

QUI - Além do mais, essas personalidades infames indis põem os homens e não esclarecem os médicos.

LIN - Mas doutora, a senhora e os seus colegas também têm culpa nisso!

QUI - Fomos os agredidos! Quando não se tem razão, reponde-se com insultos.

E onde iriam os homeopatas buscar razões convincentes para oporem às nossas? Onde? Há sistema mais ridículo do que a homeopatia? Onde as bases em que se firmar -similia similibus curantur? Absurdo! Contraria contrariis curantur, eis a verdade! Há nada mais natural e simples do que tratar o calor pelo frio, o seco pelo úmido e os humores pelos laxantes? A alopatia é o grande e verdadeiro sistema! Dã licença Sr. Lino, o doente está a minha espera. (sai, Lino fica só).



LIN - Estes médicos são todos mais ou menos intolerantes. Cada um quer matar lá a seu modo e brigam por, isso como endemoniados ... Mulheres! Safa! De medicina só a hidropata; ao menos leva-se tudo à água fria, que se não faz bem, também não faz mal (batem palmas fora de cena) - Quem é?

AQU(fora de cena) - Dá licença?

LIN - É o meu doutor Aquoso. Pode entrar. (Aquoso aparece à porta) - Sem cerimônia, doutor. Entre, entre. (Aquoso entra)
- Meu caro doutor, já pedi ao meu amigo Marcos que o consultasse. Está disposto a isto.

AQU - Hei-de pô-lo bom!

LIN - Homem, isto agora é presunção demais! Pois se ainda não sabe que moléstia ele tem!

AQU - Tenha o que tiver, a hidropatia faz milagres!

LIN (à parte) - Aí temos outro!

AQU - Meu caro, Deus não criou tanta água no mundo debalde. Água fria e mais água fira é a grande panacéia universal. Água para tudo, em tudo e por tudo, água por todas as partes. E salve-se a humanidade!

LIN (rindo) - Hah, hah, hah! Ó doutor, você devia trazer atrás de si uns bombeiros com um carro pipa ...

AQU - Deixemos de zombaria! Onde está o doente? Quero arrancá-lo das garras da morte, isto é, das mãos de meu ignorante colegas.

LIN - Espere um instante, tenho um conselho que pedir.

AQU - Muito me lisonjeia!

LIN - Mas há-de me prometer falar com sinceridade.

AQU - Com toda a minha sinceridade.

LIN - Dar-me-á o seu parecer nú e crú, sem temor de ofender-me?

AQU - Eu o prometo.

LIN - Quero saber se faço bem em casar-me.

AQU - Casar quem, vós?



LIN - Sim, eu mesmo em pessoa. Que pensa?

AQU - Mas, diga-me primeiro uma coisa ...

LIN - O quê?

AQU - Que idade tem?

LIN - Quem, eu?

AQU - Sim, vós.

LIN - Não estou certo.

AQU - Meu amigo, o senhor tem pelo menos sessenta e oito anos.

LIN - Não há tal ... É que os tenha? Os anos não valem nada. Ainda estou forte e bem conservado. Não me troco por muitos moços.

AQU - Meu amigo, falar-lhe-ei com franqueza que assim exigiu de mim. Não se case. Um homem de sua idade não deve fazer esta loucura! Os inconvenientes são inumeráveis! Sr. Lino, deixe-se disso, não se case.

LIN - Hei-de me casar! E ninguém será capaz de persuadir-me do contrário. Por que não me hei-de casar? Essa é boa! Estou resolvido e muito resolvido.

AQU - Isto agora é outro caso. Case-se, amigo.

LIN - Já pedi a moça.

AQU - Case-se meu amigo, faz muito bem.

LIN - Ainda estou bem disposto.

AQU - É claro, case-se então.

LIN - Tenho uma saúde robustíssima. Que importa a idade? Ainda tenho todos os meus dentes. (mostra os dentes) - O peito está perfeitíssimo (tosse) - Que lhe parece? As pernas vigorosas, sou capaz de dançar charleston. (dança) - Se é loucura, estou resolvido a praticá-la.

AQU - E terá muito juízo!

LIN - Então acha que faço bem?

AQU - Muito bem! Meu caro, case-se e quanto antes.



LIN - Um abraço! Muito me alegra que me dê este conselho e que o meu amigo seja da minha opinião.

AQU - Sr. Lino, que idade tem a noiva?

LIN - Quinze aninhos!

AQU - Ela tem quinze e o senhor sessen...

LIN - Quê que tem?

AQU - Nada, nada. Case-se meu amigo, case-se. (sai rindo pela direita).

LIN(só) - Esta minha união há-de ser muito feliz. Todos riem-se quando eu falo nela, mas eu estou contentíssimo.

HEN(entrando) - Meu pai o chama. (Lino sai) - Queres casar com minha irmã, velhaco! Eu te mostrarei como isto há-de ser... (entra Miléssimo).

MIL - Henriqueta?

HEN - Ah, por que não vieste mais cedo, Miléssimo? Há uma hora que te espero.

MIL - Estive ocupado no Instituto Homeopático.

HEN - Ora, deixa-te de Instituto e dize ...

MIL - Que eu deixe de Instituto? Minha cara, a ciência homeopática marcha com passos de Briareu, Hahnemann triunfa e Broussais leva o diabo.

HEN - Já vais começar a...

MIL (com entusiasmo) - Os estúpidos e ignorantes alopatas já vão reconhecendo a nossa supremacia. Médicos carrascos, asnos, que misturam de um modo horroso milhares de nojentas drogas, em uma só receita; que furam, atassalham, queimam, martirizam o desgraçado paciente. Pobres doentes! Forte canalha! Ahhh, mas a homeopatia triunfa por toda parte.

HEN - Dá-me atenção!

MIL (no mesmo tom) - Hamburg, Frankfurt, Varsóvia, Moscou, Passo Fundo, Roma, Londres, Paris, etc, etc, etc, usam-se de seguir os seus ditames. A homeopatia é o único e verdadei-



ro sistema médico. O próprio Hipócrates disse: "Vômitus vômito curantur". O que é isto senão homeopatia? Bichat, Andral, Paracelso, Cooper, Chaussier, Thomassine, etc, etc, etc, e o próprio Broussais foram homeopatas sem o saberem! (enxuga o rosto).

HEN - Acabaste?

MIL (continua com mais calor) - Só foi dado a um homem, ao subli-
me Hahnemann esclarecer o mundo!

HEN - Ouve-me, com todos os diabos!

MIL (continuando) - Broussaisistas levantam-se contra nós. Que
importa?

HEN - Ahh, espera que te curo! (falam ao mesmo tempo).

MIL - Não admiram-me estes ataques. Quando nova doutrina aparece
no mundo médico, os mais virulentos críticos a perseguem,
mas a verdade segue avante.

HEN - É realmente uma desgraça! Estes velhos são teimosos. E que
remédio senão fazer-lhes a vontade? Mas custa! Casar-se a
minha pobre irmã, a minha querida Rosinha.

MIL (ouvindo o nome de Rosinha) - Rosinha? O que há com Rosinha?

HEN (sem prestar atenção a Miléssimo) - Que casamento tão despro-
porcionado! Com um velho!

MIL - Falas de tua irmã?

HEN(no mesmo) - Mas enfim, quando um pai exige, que remédio?

MIL - Responde-me com os diabos!

HEN(no mesmo) - Os filhos devem obediência ao pai. Quando manda,
cumpra-se. De hoje a oito dias está casada.

MIL(sacudindo-a pelo braço) - O que é isto de oito dias? Não me
responderás?

HEN - Falavas comigo? Não sabia.

MIL - Que casamento é este? Com quem, quando, por que? Depressa!

HEN - Ahh, já me dás atenção!

MIL - Olha que te esgano! (avança para Henriqueta).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 40070-025



HEN - Chega-te para lá! Desde que entraste, esforço-me para te participar esta repentina resolução de meu pai e tu a me quebrar a cabeça com a maldita homeopatia.

MIL - Maldita?

HEN - Ai, meu Deus! Se continuas a atrapalhar, largo tudo de mão e deixo-te entregue a ti mesmo! E a mana Rosinha casar-se-á com o velho Lino.

MIL - Com o velho Lino ?

HEN - Meu pai assim o'quer, mas eu digo que ela há-de se casar contigo. Sou tua amiga e os amigos conhecem-se nas ocasiões. O meu plano está traçado e Rosinha já está dele informada. A ti nada digo, pois botarias tuda a perder com a tua homeopatia. Vê se ganha sua confiança, pois ele só dá ouvidos a Dra. Quitéria. Receita, dá-lhe glóbulos e tinturas, mas pelo amor de Deus, não o mates.

MIL - A homeopatia não mata, a homeopatia é ...

HEN - És incorrigível mesmo! Bem, eu vou dar uma saída, mas não me demoro. Podes entrar quando quiseres. Toma cuidado, hein? Até já! (sai).

MIL (só) - Isto está mau! Se o velho ateimar, por mais que Henriqueta faça nada conseguirá. Maldito Lino! Agora é que eu gostaria de ser um médico alopata, para te mandar desta para melhor vida. Enfim ... Entremos. (vai sair quando vê Rosinha) - Rosinha, estou apavorado!

ROS - Já sabes?

MIL - Já.

ROS - Não desanima ainda!

MIL - É, mas eu temo que ...

ROS - A mana Henriqueta já combinou tudinho comigo!

MIL - E o quê vocês pretendem fazer? (Lino aparece à porta, Rosinha o vê, mas finge não o ter visto. Lino observa).

ROS(baixo para Miléssimo) - Beija a minhas mão.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

